



RICARDO DREGUER

O SKATISTA e a RIBEIRINHA

ENCONTRO DA CIDADE COM A FLORESTA AMAZÔNICA

SUGESTÕES DE ATIVIDADES ELABORADAS POR:

Samir Thomaz – Jornalista com especialização em globalização e cultura, escritor, editor e produtor de conteúdos.

O AUTOR

RICARDO DREGUER – Bacharel e licenciado em História pela Universidade de São Paulo, professor de História há vinte anos e autor de livros didáticos e paradidáticos para o Ensino Fundamental.

A OBRA

Paulo é um garoto da cidade de São Paulo que gosta de andar de *skate* no Parque Ibirapuera, olhar a cidade da janela de seu apartamento e saborear os muitos pratos que a cidade oferece, uma vez que ali a culinária é muito diversificada.

De repente, o destino o leva para São Gabriel da Cachoeira, no interior do estado do Amazonas, onde a mãe ganhou uma bolsa para pesquisar os indígenas da comunidade Baniwa. Começa aí a incursão do garoto por um mundo bem diferente do que ele conhecia até então. Na Amazônia, ele vai conhecer novas paisagens, um jeito diferente de se relacionar com a cidade, comidas com ingredientes inusitados, novas formas de trabalhar, de se locomover, de se divertir e de lidar com a natureza, bem diferente da relação que tem com o “agito” de São Paulo e com a paisagem de concreto e aço da cidade.

Paulo fará amizade com Flávia, uma menina muito diferente dele e ao mesmo tempo tão igual – a mesma curiosidade diante do mundo, o mesmo gosto por aventuras, a mesma disposição para aprender coisas novas. Flávia, cujos pais e irmãos moram no interior da floresta, adora os rios e os animais de sua região.

Por meio da amizade entre Paulo e Flávia, o autor Ricardo Dreguer mostra, sem que o jovem leitor perceba, envolvido que está com a narrativa, como se dá a integração de seres humanos de culturas

diferentes. Aos poucos, a história vai suscitando discussões bastante atuais sobre a relação das pessoas com o meio em que vivem, não necessariamente com o meio em que nascem. De forma mais profunda, o autor conduz o leitor a se dar conta daquilo que nos leva a fazer de nós o que somos.

Como toda obra diferenciada, o livro não termina com o ponto final da história, mas propicia fecundas reflexões e deixa que o aluno imagine os outros caminhos que a história pode seguir. A obra traz ainda boxes complementares que acompanham a narrativa com informações sobre elementos contidos no enredo, como receitas de pratos típicos do Amazonas e de São Paulo e dados históricos, além de ser belamente ilustrada pelo artista gráfico Thiago Lopes, que mescla desenho com fotografia.

→ ATIVIDADES PARA ANTES DA LEITURA

É estimulante iniciar a leitura com os conhecimentos que os alunos já trazem consigo, levantando questões que provoquem a curiosidade ao anteciper o que vai ser lido, a fim de instigar a participação.

1. Nesta fase, aproveite para acostumar os alunos ao manuseio do livro: identificando o autor e a editora, verificando com eles se o título é sugestivo. Faça-os também ler a quarta capa e observar as imagens e outros aspectos gráficos do livro (fonte, tipologia e tamanho).
2. Chame a atenção dos estudantes para o texto-convite no início do livro. Peça que façam o que o texto sugere e que formulem hipóteses sobre o enredo da história.
3. Apresente aos alunos o sumário do livro e, com base nos nomes dos tópicos, estimule-os a criar hipóteses sobre o que irão ler.
4. Em uma conversa informal, sonde os alunos sobre o que eles sabem sobre São Paulo e a região Amazônica. Deixe-os falar livremente sobre a sua experiência. Este é o momento de verificar o que eles conhecem a respeito do assunto do livro. Ao final da leitura, depois de feitas as atividades, se achar produtivo, retome a conversa e verifique o que a obra agregou ao repertório de conhecimentos deles sobre essas duas localidades.

→ ATIVIDADES PARA DURANTE A LEITURA

Embora os alunos tenham ritmos diferentes de leitura, é importante que o professor os acompanhe,

a fim de contornar possíveis dificuldades e tornar o processo mais sistemático. Por exemplo, chamar a atenção para a estrutura do texto, esclarecer dúvidas de vocabulário, de gráficos, tabelas ou de alguns temas abordados, utilizar mapas quando for o caso etc. Para que a leitura se torne ainda mais ativa, é bom propor ao leitor que faça sinais a lápis nas margens das páginas: (!) se ficou surpreso com alguma passagem por sua novidade; (?) se não compreendeu bem algum trecho; ou (#) quando não concordou com o autor.

1. Solicite aos alunos que anotem as palavras e expressões que não conhecem e as pesquisem no dicionário ou deduzam do próprio contexto em que aparecem. O objetivo é que, após a leitura, eles confrontem a lista de cada colega com as dos demais para elaborar um glossário do assunto do livro para a turma.
2. Estimule os estudantes a apreciar as ilustrações e as fotografias do livro, levando-os a perceber a relação que existe entre texto e imagem. Chame a atenção para o fato de que, em alguns momentos, fotos e ilustrações aparecem misturadas. Pergunte o que acharam desse recurso. Comente que as ilustrações e fotos não são um mero elemento decorativo, mas buscam enriquecer a obra, fornecendo ao leitor um registro imagético do que está sendo tratado.

→ ATIVIDADES PARA DEPOIS DA LEITURA

Algumas questões servem para verificar a compreensão de conceitos e para identificar as principais teses do autor, expostas nos textos do livro. A seguir, as discussões devem permitir a retomada das considerações iniciais para examiná-las à luz dos novos conceitos aprendidos e para aplicá-las ao contexto vivido. Nesta etapa, a interpretação e a problematização são importantes para o desenvolvimento do pensamento crítico. Esse processo será enriquecido pelo exercício da interdisciplinaridade, ao relacionar o que foi discutido com outras áreas do conhecimento humano. Em algumas questões, há pistas de respostas ou desdobramento da própria questão.

1. O *skate* é uma diversão muito apreciada por adolescentes e jovens, sobretudo nas grandes cidades. Comparando com o patinete, a diferença é que o patinete tem sido usado também como um meio de transporte, que, segundo os especialistas, veio para ficar. Ambos necessitam de alguns apetrechos para que se possa andar com segurança. Pergunte aos alunos, informalmente,

se eles praticam o *skate* como entretenimento ou se usam o patinete como diversão e meio de locomoção. Peça que falem da importância da segurança e da responsabilidade de usar esses veículos em meio aos pedestres nas ruas e calçadas de sua cidade.

2. No trecho abaixo, da página 8, Paulo admite que sua cidade tem problemas, mas que gosta de viver nela mesmo assim. Questione os alunos sobre alguns problemas da cidade onde moram e que sentimento têm em relação a ela.

“Sei que minha cidade é poluída e tem um trânsito maluco, mas acho que não saberia viver longe do asfalto, dos prédios altos e do barulho dos automóveis!”

3. Paulo gosta muito do Parque Ibirapuera, que, segundo a mãe do menino, “*reúne todas as turmas de São Paulo*”. Questione os alunos: E na sua região, qual é o seu parque preferido ou qual é o parque em que as pessoas gostam de passear e se encontrar?
4. O virado à paulista é uma comida típica de São Paulo. Pergunte aos alunos qual é a comida típica da cidade em que vivem. Aproveite para perguntar se já a experimentaram e o que acham dela.
5. Na página 36, Paulo comenta que, apesar de perna de pau, conseguiu entrar para o time de futebol dos novos amigos que fez na região amazônica. Comente com os alunos que a expressão “perna de pau” significa um jogador de futebol que não tem muita habilidade com a bola. Chame a atenção da turma para o fato de que Paulo tem a humildade de se considerar perna de pau no futebol, mas se achar bom no skate. Problematize a questão perguntando aos alunos: Por que temos facilidade com algumas atividades e dificuldade com outras? Questione: Podemos nos superar e ser bons em algo no qual somos apenas medianos ou péssimos, ou seja, a destreza em alguma atividade é algo determinista (que não pode ser mudado, por ser inato, “por natureza”) ou podemos adquirir habilidades e competências que julgávamos impossíveis de conquistar, mediante esforço e treino?
6. Comente com os estudantes que o livro *O skatista e a ribeirinha* descreve, entre outras coisas, o tipo de entretenimento de quem mora em São Paulo e de quem mora no Amazonas. Questione os alunos sobre qual é o tipo de diversão da região ou cidade em que moram. Em seguida, pergunte a respeito do que eles mais gostam nesse tipo de diversão.
7. O livro apresenta algumas receitas típicas de São Paulo e do Amazonas. Sugira aos alunos que peçam a seus pais ou responsáveis que preparem alguma das receitas em suas casas. Eles podem relatar depois o que acharam da iguaria ou mesmo convidar alguns colegas mais próximos a experimentar o prato com eles.
8. Pergunte aos alunos se a rotina deles é mais parecida com a de Paulo, em São Paulo, ou com a de Flávia, em Manaus. Aproveite o gancho para questionar: O que na vida de Paulo ou de Flávia eles gostariam de agregar à sua rotina?
9. Paulo é obrigado a se mudar para um lugar que não conhece, que possui uma cultura muito diferente do lugar onde nasceu e morou até então. Assim, um de seus novos desafios será conhecer aos poucos tanto sua casa como sua escola nova na companhia de sua mãe e de Emília, uma mulher indígena Tukano. Continuar a vida será uma questão de tempo e de costume. Logo fará novos amigos e encontrará entretenimentos tão legais quanto andar de skate. Abra uma roda de conversa com os estudantes e questione-os: E se Paulo tivesse sido obrigado a deixar sua cidade e seu país só com a roupa do corpo, com ou sem os pais, deixando tudo para trás, casa, escola, amigos, animal de estimação, sua vista da cidade pela janela, o Parque Ibirapuera? Como teria sido? Depois de ouvir as respostas, comente que essa é a realidade dos refugiados no mundo atual. Antes de prosseguir, pergunte se sabem o que é um refugiado. Explique que são pessoas que deixam seus lugares de nascença e de moradia às pressas por causa de guerras, perseguições étnicas, políticas, religiosas ou acidentes naturais e são obrigadas a viver em outro lugar, com língua, cultura, hábitos diferentes. Diga ainda que essas pessoas muitas vezes perdem suas famílias de origem e ainda são mal recebidas no país a que chegam. Depois da conversa, estimule os alunos a ficar atentos a notícias sobre refugiados na internet, na televisão, no rádio e nos jornais e revistas impressos.
10. Depois de conhecer a região amazônica descrita no livro, peça aos alunos que reflitam sobre a região onde moram. Que vantagens a região deles têm em relação à Amazônia? O que tem em Manaus e nas regiões ribeirinhas do Amazonas que eles gostariam que tivesse em suas respectivas cidades? O que tem em suas cidades que seria proveitoso em Manaus e na região amazônica?

11. Questione os estudantes: Se eles fossem o personagem Paulo e tivessem poder de decisão, iriam para Manaus ou prefeririam ficar no lugar onde nasceram e moram? Peça que expliquem suas respostas.
12. Assim como a culinária, a forma de se vestir e de falar, os meios de transporte, cada região possui suas brincadeiras próprias. E no Amazonas não é diferente, conforme o livro mostra. Solicite aos alunos que identifiquem as brincadeiras descritas na narrativa e digam se as reconhecem e se têm o mesmo nome que em sua região ou cidade. Depois peça que digam do que se brinca em sua região. Estimule-os a trocar informações entre si sobre as brincadeiras de que mais gostam.
13. Em São Paulo, Paulo tinha o cachorro Billy como animal de estimação. No Amazonas, os ribeirinhos gostam quando o boto aparece. E na sua região, que animais as pessoas costumam ter ou apreciar? Estimule os alunos a trocar informações sobre seus bichos de estimação e sobre aqueles que, como o boto, não são de estimação, mas é como se fossem, e a contar como eles são e o que fazem durante o dia.
14. Pergunte aos alunos se eles têm ou já tiveram uma amizade como a de Paulo e Flávia. Diga que não precisa ser necessariamente uma amizade entre menino e menina. Peça que descrevam essa relação, as diferenças e semelhanças entre os amigos e por que eles consideram essa amizade especial. A atividade tem por objetivo exaltar as relações de amizade entre os estudantes.
15. Ao longo da narrativa, o autor menciona alguns bichos que vivem na região amazônica. Pergunte aos alunos: E na sua região, que bichos existem? Estimule os estudantes a trocar informações entre eles, para ampliar o conhecimento da fauna brasileira. Pergunte se alguns desses bichos estão ameaçados de extinção e por quê.
16. Pergunte aos estudantes, informalmente, se algum deles já visitou a região amazônica. Se houver algum aluno ou aluna que já tenha ido a qualquer lugar dessa imensa região, peça que relatem o passeio aos colegas.
17. Sugira aos alunos que escrevam um texto de no máximo dez linhas aceitando o desafio do autor, no final do livro: “*Que tal escrever a história da Flávia, de ribeirinha a skatista?*” Oriente-os a usar e abusar da criatividade utilizando ou não as informações do livro. Diga a eles que, nessa atividade, os autores são eles.

→ ATIVIDADES INTERDISCIPLINARES

Língua Portuguesa

1. Solicite aos alunos que releiam as receitas culinárias contidas no livro e observem a conjugação dos verbos que aparecem nelas. Pergunte: Quais são o modo e o tempo dos verbos nas receitas? Peça que expliquem por que essa conjugação é usada nesse tipo de texto e que digam em que outros tipos de texto ela costuma aparecer?
2. Vera, a mãe de Paulo, é professora universitária e tem de ir à região amazônica para pesquisar os povos Baniwa. Comente com os alunos que, quando nos referimos a uma cultura indígena, o nome dessa cultura deve ser grafado começando com maiúscula e o nome não é flexionado. Dê outros exemplos do próprio livro, como os Baré, os Tukano, os Vanana, os Yanomami, ou de outras tribos, como os Guarani, os Tupinambá, os Ticuna, os Caingangue, os Terena, os Guajajara, os Pataxó, os Potiguara etc.
3. Ao contar sua história, a certa altura Seu José diz que, ao ser atacado pela cobra-grande, “*já estava preparado para passar desta pra melhor*”, ou seja, já estava preparado para morrer. Sugira aos alunos que procurem um bom dicionário e consultem as várias acepções do verbo morrer. Peça que tragam as três acepções que acharem mais engraçadas ou curiosas para confrontar com as trazidas pelos demais alunos da sala.
4. Comente com os estudantes que o fato de São Paulo abrigar restaurantes de vários países, entre outros fatores, faz dessa cidade uma cidade cosmopolita. Solicite aos alunos que busquem no dicionário o significado dessa palavra e, depois, identifiquem outros fatores que confirmam a afirmação de que São Paulo é cosmopolita.

Literatura

1. Comente com os alunos que as histórias geralmente são movidas por conflitos que aparecem no enredo e fazem com que os personagens se mobilizem para resolvê-los. Questione os alunos sobre qual foi o conflito inserido na história pelo autor e que consequências ele teve na vida dos personagens. Leve-os a pensar em outras histórias que leram e em qual foi o conflito existente nelas.
2. Neste trecho da página 48, Paulo relata:

“Depois da pescaria, nos reunimos na beira do rio para ouvir histórias. Quando seu José começou a contar uma aventura, todos ficaram em silêncio”.

Em uma conversa informal, pergunte aos estudantes por que a maioria das pessoas gosta de ouvir histórias. Lembre-os de que a literatura que hoje eles leem nos livros impressos ou nos livros digitais começou como relato oral, ou seja, na forma de histórias contadas diretamente pelas pessoas umas às outras. Questione se eles gostam de ouvir histórias e o que mais os encantam em uma narrativa oral. Sugira que busquem na internet histórias contadas por dois grandes contadores de “causos”, Rolando Boldrin e Ariano Suassuna. Finalize dizendo que esses contadores de histórias, especialmente, narram peripécias que envolvem situações típicas do povo brasileiro, fazendo com que conheçamos um pouco mais nosso jeito de ser e de resolver as questões do dia a dia.

Geografia

1. Solicite aos estudantes que, em grupos, realizem uma pesquisa sobre a culinária amazense. Eles podem fazer uma pesquisa prévia, identificando os principais pratos, e depois sortear qual grupo pesquisará qual iguaria. Lembre-os de que as receitas que já estão no livro não valem, mas que isso não será problema, pois a culinária da região amazônica é muito rica. A pesquisa deve trazer a origem do prato, como ele se modificou ao longo do tempo, em qual região é mais consumido e, claro, quais são os ingredientes.
2. Solicite aos alunos que releiam a página 7, em que Paulo descreve a vista que tem do apartamento em que mora. Peça que apontem, em uma breve conversa em sala de aula, que soluções e problemas da vida moderna nas grandes metrópoles (e em algumas cidades de porte médio) essa descrição revela. Leve-os a perceber que o chamado “progresso” tem se caracterizado por solucionar um problema e criar outros, que por sua vez serão solucionados depois de um tempo ao preço de novas complexidades com as quais as pessoas terão de conviver.

“Eu apago a luz da sala pra curtir a escuridão da cidade. Assim dá pra ver melhor as luzes vermelhas e brancas dos carros. Quando elas estão paradas, é sinal de que o trânsito está cruel. E de que o jantar vai atrasar, pois minha mãe está presa no meio daquelas luzes.

Desvio o olhar para o alto, para os prédios vizinhos. No prédio cinza, alguém está tomando banho. No laranja, tem gente

preparando o jantar e no azul acabaram de ligar a televisão.

Olho para a esquerda, onde fica a favela. Nas ruas estreitas, em que os carros quase não conseguem entrar, tem muita gente indo e vindo. Aos poucos, as casinhas vão acendendo suas luzes.

Na direita, vejo um prédio em forma de caixa, todo iluminado. Lá dentro, centenas de pessoas estão olhando vitrines e comprando vestidos, sapatos, brinquedos, aparelhos eletrônicos... Outras estão comendo lanches ou pratos rápidos nas praças de alimentação, pois preferem fazer hora no shopping para não virar mais uma luzinha parada nas ruas.”

3. Ao chegar em Manaus, Vera diz ao filho que só conseguirão chegar ao destino, uma cidade no interior da Amazônia, perto da divisa entre a Venezuela e a Colômbia, de barco ou de avião. Questione os alunos sobre quais são os meios de transporte mais utilizados em sua região.
4. Na página 25, o personagem Paulo descreve os guias da Amazônia pegando galhos de breueiro, uma árvore que tem uma seiva muito inflamável, para fazer uma fogueira, chamando a atenção para o cuidado que eles têm para que a fogueira não se alastre e dê início a uma queimada, que pode devastar grandes áreas da floresta. Ultimamente os noticiários têm mostrado que todos os anos o fogo consome uma parte considerável da floresta Amazônica e que essas queimadas estão aumentando nos últimos tempos. Peça aos alunos que, em grupos, façam uma pesquisa sobre as queimadas na Amazônia, um assunto com amplo material na internet na atualidade. Oriente-os para que alguns pontos específicos sobre o tema não fiquem de fora do trabalho: o foco das queimadas, a quem interessa esse desastre ambiental, quais são os números dos últimos anos, quais têm sido as ações (ou omissões) dos governos, quais os prejuízos para as populações locais, qual o impacto sobre o planeta etc.
5. Na página 38, Flávia explica que, em sua região, “*todo mundo mora nesse tipo de casa, chamada de palafita*”. Questione os alunos: E na região onde moram, que tipos de moradia são mais comuns? Peça que as descrevam e digam se são adequadas ao clima e às necessidades das pessoas que moram na região.
6. Neste trecho da página 40, Flávia revela um dos principais meios de sobrevivência dos povos ribeirinhos:

“– Não imaginei que esse rio desse tanto peixe, Flávia.

– Não é à toa que minha família e todo esse povo vivem na beira do rio. Por isso nós somos chamados de ribeirinhos.”

Questione os alunos sobre qual recurso natural ou atividade agrícola, industrial ou de serviços prevalece em sua região e qual é a relação que eles e suas famílias têm com essa atividade.

7. Solicite aos estudantes que, em grupos, façam uma pesquisa sobre a geografia física da região Norte. A pesquisa não precisa ser muito extensa e os grupos podem ser divididos por temas: um pode pesquisar o relevo da região Norte, outro o clima, outro os rios, outro a vegetação, e assim por diante, de modo que cada grupo pesquise um tema diferente dos outros grupos. Dessa forma, na apresentação dos trabalhos, que deverão ser compartilhados entre os alunos, a classe terá uma visão abrangente desse aspecto do Norte. Se for necessário, sugira que peçam orientação ao professor de Geografia.

Ciências

1. Solicite aos alunos que, em grupos, realizem uma pesquisa sobre a poluição das grandes metrópoles, como São Paulo. A pesquisa deve conter o local pesquisado, a causa da poluição, suas consequências para a região e para o planeta, entre outras informações. No final, sugira que apresentem possíveis soluções para o problema. Peça que se organizem para que cada grupo fique incumbido de um tipo de poluição. Por exemplo: um grupo pode pesquisar sobre a poluição causada pelos navios, outro pelas fábricas, outro pelo esgoto, outro pelas residências, outro por turistas, outro pelo excesso de placas comerciais, outro pelo excesso de barulho, e assim por diante. Oriente-os a encontrar o número de agentes poluentes suficientes para que cada grupo fique com um tipo de poluição diferente. No final, a classe terá uma visão abrangente da poluição nas grandes cidades.
2. Apesar de o pai de Paulo dizer que a comida típica de São Paulo é o virado à paulista, a mãe do menino diz que é a *pizza*, pois, segundo ela, “o paulistano não consegue ficar uma semana inteira sem comer essa massa deliciosa” (pág. 15). Já os amigos de Paulo preferem o pastel, principalmente os de feira. Delícias à parte, tanto a *pizza* como o pastel são iguarias muito calóricas. Peça aos alunos

uma breve pesquisa em duplas sobre os problemas que *pizza* e pastel, se consumidos em excesso, podem trazer ao organismo humano. Sugira a eles que, se necessário, conversem com o professor de Ciências sobre o assunto.

Filosofia

1. Neste trecho do livro (pág. 16), Paulo precisa fazer uma escolha:

“– E eu, como fico?

– Você pode ficar com seu pai ou vir comigo para o Amazonas. A decisão é sua.

Nas semanas seguintes, fiquei na maior crise. De um lado, queria ficar na minha cidade, com meus amigos. De outro, me sentia atraído pela ideia de viver na Amazônia e conhecer nossa floresta mais famosa. O que fazer?”

Pergunte aos alunos se eles já tiveram de fazer uma escolha difícil na vida. Peça que relatem a escolha, se for da vontade deles. Comente que toda escolha implica ganhos e perdas, como no caso de Paulo, e que fazer escolhas envolve um ramo da filosofia chamado ética. Conclua que, mesmo sem nos dar conta, tomamos várias decisões ao longo do dia a respeito de coisas banais e de coisas não tão banais. E que, muitas vezes, o rumo que tomamos na vida depende das escolhas que fazemos. Por fim, questione: Se vocês fossem o personagem Paulo, que decisão tomariam?

Sociologia

1. Crie uma atividade hipotética pedindo aos alunos que imaginem que Paulo nasceu em Manaus e Flávia, em São Paulo. Indague: Nesse caso, eles teriam a mesma vivência e a mesma história mostrada no livro? Vá mais fundo e pergunte se eles, estudantes, tivessem nascido no Alasca, na Austrália ou na África, será que seriam as mesmas pessoas, com os mesmos gostos, os mesmos hábitos, os mesmos costumes? Peça que expliquem suas respostas. Leve-os a compreender que a cultura de onde uma pessoa nasce é que a define como ser humano, e não sua etnia ou constituição física – ou seja, sua formação biológica. Explique que Paulo só gosta de *skate* porque foi acostumado desde pequeno a conviver com os parques de São Paulo, como o Ibirapuera, onde se pratica *skate*. E que Flávia só é do jeito que é porque nasceu na região em que nasceu.
2. Neste trecho do final do livro: “E se de repente, mesmo sentindo saudades da Amazônia, a Flávia se

apaixonar por São Paulo? Nessa hora, ela poderá descobrir que deixou de ser ribeirinha e passou a ser skatista...” (pág. 56) está embutida a ideia de que alguém nascido em uma região pode se transformar em uma pessoa de outra. Questione os alunos: É possível que um garoto paulistano vire ribeirinho ou que uma menina ribeirinha vire paulistana? É possível que uma pessoa nascida em uma região se considere natural de outra? O que isso tem a ver com a cultura? Peça aos alunos que discutam entre eles essa questão, sempre justificando suas afirmações com argumentos consistentes, ou seja, que não fiquem no mero “achismo”.

3. Na página 32, Paulo comenta, ao passear com a mãe pelo centro de São Gabriel:

“– Mãe, aqui em São Gabriel todo mundo é índio?”

– Quase todo mundo é índio ou descendente de índios. O município de São Gabriel inclui vinte e três povos indígenas, como Baniwa, Baré, Tukano, Desana, Tariana, Arapaso, Vanana, Yanomami...”

Solicite aos alunos que, em grupos, pesquisem alguma cultura indígena brasileira. Não precisa ser necessariamente da Amazônia (em São Paulo, por exemplo, há muitos povos indígenas). A pesquisa deve trazer o modo de vida, a região em que vivem, qual é o número da população atual e o seu objetivo como etnia, um pouco de sua história etc. Cuide para que não haja duas pesquisas com a mesma comunidade indígena.

4. Comente com os alunos que um dos pioneiros no estudo sobre os indígenas brasileiros foi o antropólogo e educador Darcy Ribeiro (1922-1997). Pergunte aos alunos se o conhecem e sugira que busquem vídeos dele na internet em que fale de seu trabalho como antropólogo e de sua relação com os indígenas. Complemente dizendo que Darcy Ribeiro foi um grande entusiasta da valorização dos indígenas, de seus costumes e seus direitos, tendo escrito alguns livros fundamentais sobre o tema, como *O povo brasileiro*, *O processo civilizatório*, *Diários índios* e o romance *Maíra*.
5. Na página 40, ao ser perguntada sobre se conseguiria viver em São Paulo, Flávia diz que não sabe, mas que tem muita curiosidade de “*ver de perto tudo aquilo que aparece na televisão*”. Comente que a televisão, principalmente por meio das novelas, mas também dos telejornais, é responsável por uma espécie de homogeneização da cultura brasileira, ao fazer com que povos de diferentes regiões descubram os costumes e modos de viver

de regiões distantes do país. Pondere, no entanto, que essa homogeneização não fez desaparecer os costumes das culturais locais, como é o caso do modo de vida dos povos ribeirinhos da Amazônia, mas influenciou, de algum modo, a forma de eles se divertirem, falarem etc. Do mesmo modo, as pessoas que vivem em grandes cidades puderam saber como vivem, falam, se relacionam, se divertem as pessoas de regiões distantes, como as do Nordeste, principalmente. Abra uma roda de conversa com os alunos para debater os pontos positivos e negativos dessa integração cultural por meio dos meios de comunicação, como a televisão.

6. Vera, a mãe de Paulo, é pesquisadora universitária. A pesquisa em que trabalha é que a leva, com o filho, para a região amazônica, pois precisa conhecer de perto o modo de vida do povo indígena Baniwa. Comente com os alunos, informalmente, que o trabalho que Vera realiza é o mesmo que os primeiros antropólogos da história empreenderam, no século XIX, com povos que viviam em regiões remotas do planeta, muitos dos quais nunca haviam tido contato com a chamada civilização. Explique que esse trabalho é chamado genericamente de “trabalho de campo” e especificamente de “etnografia”, ou seja, a descrição, por meio de anotações e da observação direta (como faz a mãe de Paulo com os Baniwa) do modo de vida e dos costumes de povos que vivem em comunidades muitas vezes isoladas. Conclua dizendo que a antropologia mudou muito desde o século XIX e, embora ainda existam estudiosos que se deslocam para regiões remotas para estudar a vida de comunidades distantes, existe hoje o que se chama de “antropologia urbana”, cujo foco são os modos de vida de grupos específicos que vivem nas grandes cidades, como as tribos urbanas, os refugiados, as travestis, os moradores de rua, as pessoas solitárias, os peregrinos, que vivem andando de cidade em cidade sem moradia fixa etc. Em seguida, volte o foco para os alunos dizendo a eles que quando realizam um trabalho escolar em grupo na rua, entrevistando pessoas ou visitando alguma localidade, estão fazendo um trabalho de campo, ou seja, uma espécie de etnografia, mas também um trabalho de etnologia, que é o trabalho complementar de transcrever e organizar as informações coletadas no campo. Dito isso, solicite a eles que se organizem em grupos e façam um trabalho de campo sobre alguma tribo urbana de sua cidade (*skatistas*, *ciclistas*, *punks*, *roqueiros*, *gamers* etc.). A pesquisa deve conter a motivação

daquela tribo ou daquele grupo, sua visão de mundo, a faixa etária dos participantes, se há mais meninos ou meninas e por quê, o que os influencia, quais são seus sonhos e projetos de vida.

Arte

1. Solicite aos alunos que criem uma exposição fotográfica sobre Manaus e outra sobre São Paulo. A exposição deve trazer fotos dos principais pontos turísticos e culturais das duas cidades, como museus, locais de fundação, parques, avenidas, tipos humanos comuns, vegetação típica, projetos arquitetônicos mais vistosos etc. Peça à turma que se organize de forma a que as duas cidades sejam contempladas com mais ou menos o mesmo número de grupos, e que eles se organizem entre si para que nenhum aspecto importante seja esquecido. Se julgar importante, sugira que elejam um curador para a exposição e, ao final, oriente-os para que exponham as fotos em um lugar adequado da escola.

Música

1. Promova, se possível, a audição das músicas a seguir em sala de aula. As canções podem ser exploradas de diversas maneiras, de acordo com a sua estratégia didática e com a faixa etária dos alunos:
 - podem servir de tema de redação, na qual os estudantes devem escrever de forma crítica sobre o que diz a letra;
 - podem ser objeto de discussão em sala de aula;
 - podem servir de sensibilização para o início de uma aula sobre algum tema específico.Estimule-os a buscar informações sobre os compositores e cantores, além dos gêneros musicais apresentados. As músicas abaixo estão divididas em grupos temáticos, para facilitar seu uso didático:

Sobre a Amazônia:

- “Araruna”, com Marlui Miranda.
Disponível em: <http://mod.lk/araruna>.
- “Mata”, com Marlui Miranda.
Disponível em: <http://mod.lk/mata>.
- “Grupo Krahõ”, com Marlui Miranda.
Disponível em: <http://mod.lk/kraho>.

Sobre São Paulo:

- “São Paulo, São Paulo”, com o grupo Premeditando o Breque.

Disponível em: <http://mod.lk/spsp>.

- “Sampa”, com Caetano Veloso
Disponível em: <http://mod.lk/sampa>.
- “Amanhecendo”, com Billy Blanco
Disponível em: <http://mod.lk/amanhece>.

Vídeo

1. Se possível, promova uma sessão de cinema em sala de aula com o documentário *Histórias do Rio Negro* (2007), dirigido por Luciano Cury e narrado pelo dr. Dráuzio Varella. O filme mostra uma viagem pelo Rio Negro, em plena selva amazônica, do município de São Gabriel da Cachoeira até Manaus, na qual os moradores locais contam histórias que envolvem a floresta e o rio. Você pode deixar ao aluno a opção de assistir ao documentário em casa, individualmente ou em grupo. Disponível em: <http://mod.lk/riodrauz>.
2. Deixe como sugestão aos estudantes assistir ao vídeo da expedição do navegador e pesquisador francês Jacques Cousteau e sua equipe a bordo do barco Calypso e do avião Papagaio, da qual resultou o documentário *A Amazônia de Jacques Cousteau*, exibido pela Rede Globo em 1984. O documentário mostra a Amazônia desde o Brasil até o Peru, com sua riqueza natural e humana, percorrendo ainda trechos do Pantanal. O vídeo está dividido em seis *links*, dos quais indicamos apenas o primeiro (os demais estão ao lado do vídeo, no *YouTube*): <http://mod.lk/expedi>.

Todos os acessos em: 11 fev. 2020



LEITURA EM FAMÍLIA

A leitura, quando não é estimulada no ambiente familiar, acaba sendo percebida pelas crianças como uma prática essencialmente escolar. No entanto, estudos revelam que, se pais, avós, tios, padrinhos leem em voz alta com os pequenos e conversam a respeito do conteúdo lido, essas vivências ajudam as crianças a gostar de livros, aguçam a criatividade e diversificam sua experiência de mundo.

É por acreditar que a leitura deve ser vivenciada regularmente não apenas na escola que a Moderna desenvolve o programa “Leitura em família”, para proporcionar uma interação cada vez maior com os filhos e se integrar mais com a escola na missão de educar.

No final do livro, é possível encontrar o *link* com sugestões para aproveitar o máximo desta obra em família.

Reforce essa ideia com a família de seus alunos!